

## Poderes se unem para exaltar a força da democracia e defender punição ao golpismo

**8 de Janeiro** Chefes dos três Poderes fazem apelo por punição aos extremistas

# ‘Não há perdão para quem atenta contra a democracia’

De Brasília

Um ano depois dos atos golpistas de 8 de janeiro de 2023, autoridades dos três Poderes reuniram-se nessa segunda-feira em Brasília para reafirmar a defesa da democracia e cobrar responsabilização dos envolvidos nos ataques. Ao mesmo tempo que reforçaram a solidez das instituições diante dos desdobramentos dos atentados, os participantes nas solenidades fizeram um apelo por punição aos extremistas e regulamentação das redes sociais, sob pena de uma repetição do episódio em eleições futuras.

Os eventos tiveram início com a abertura de uma exposição no Supremo Tribunal Federal (STF), edifício bastante atingido pelos ataques do ano passado. Mais tarde, uma cerimônia no Congresso Nacional marcou o aniversário da tentativa de golpe realizada por apoiadores do ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) que não aceitavam o resultado da eleição.

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva empenhou-se pessoalmente para que o evento, repleto de simbologias e citações à Constituição, estivesse lotado. Ele pediu que ministros adiassem as férias e também manteve articulações com autoridades dos demais Poderes. Ao encerrar a cerimônia no Parlamento, Lula rechaçou a possibilidade de anistia aos envolvidos. “Não há perdão para quem atenta contra a democracia, seu país e seu próprio povo. O perdão soaria como impunidade, o que seria salvo-conduto para novos atos terroristas.”

Como tem feito desde que assumiu a presidência do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) e a relatório de inquéritos que apuram atos antidemocráticos no país, o ministro Alexandre de Moraes defendeu a responsabilização das plataformas digitais pela disseminação de notícias falsas e discursos de ódio.

“A ausência de regulamentação, somada à falta de transparência, tornou os usuários suscetíveis à demagogia e à manipulação política, possibilitando a atuação de aspirantes a ditadores”, disse. Para Moraes, as chamadas “big techs” estão sendo “instrumentalizadas pelo novo populismo digital extremista, um dos grandes perigos

modernos da democracia”.

O evento no Supremo foi aberto com a transmissão do som dos ataques à Corte pelos radicais, seguidos por um vídeo com declarações dos ministros acerca do atentado.

O presidente da Corte, ministro Luís Roberto Barroso, chamou os golpistas de “aprendizes de terroristas” e disse que suas condutas não podem ser minimizadas. “Tratá-los com condescendência é dar incentivo para que os derrotados da próxima eleição, sejam quem forem, também se sintam no direito de deprestar os prédios das instituições públicas.”

O ministro se disse “impressionado” com o fato de que os extremistas, depois de devastarem o plenário, se ajoelharam no chão e rezaram. “Falsos religiosos que não cultivam o bem, a paz e o amor. Desmoralizaram Deus e a bandeira nacional.”

Ele fez um apelo por diálogo apesar das diferenças ideológicas e acrescentou que “ninguém tem o monopólio do amor ao Brasil”. “Quem pensa diferente de mim não é inimigo, mas parceiro na construção de uma sociedade aberta, plural e democrática. A verdade não tem dono. O Brasil merece a verdadeira pacificação da sociedade.”

A ministra aposentada Rosa Weber, presidente do STF na época dos ataques, disse que os atentados às sedes dos três Poderes foram “uma investida autoritária, espúria, obscurantista e ultrajante, insuflada pelo ódio e pela ignorância contra as instituições democráticas”.

Rosa lembrou da “tristeza e desconsolação” que sentiu ao chegar ao STF após a deprecação, mas disse que esses sentimentos foram diretamente proporcionais à energia para proceder com a reconstrução do edifício — em 1º de fevereiro, os trabalhos do Judiciário puderam ser reiniciados normalmente.

“Essa data há de se constituir

“Precisamos de um choque de civildade no país. Ódio nunca mais”  
**Luís Roberto Barroso**



Chefes dos três Poderes, Lula, Barroso e Pacheco reafirmam valores da democracia e defesa da Constituição brasileira em ato que relembra o 8 de Janeiro



José Múcio ao lado dos comandantes militares: eles compareceram à cerimônia porque "lutaram pela democracia"

sempre o dia da infância, mas a outra face é a resistência da democracia. É preciso cultivar o jardim da democracia na defesa e no fortalecimento das instituições democráticas”, disse a ministra, que foi aplaudida de pé.

Em seguida, as autoridades se dirigiram ao Congresso, onde os atos continuaram. O evento não contou com a presença do presidente da Câmara dos Deputados, Arthur Lira (PP-AL). Governadores de oposição, como o de Minas Gerais, Romeu Zema (Novo), também não compareceram, assim como os ministros do STF Nunes Marques, André Mendonça, Dias Toffoli e Luiz Fux (ver também página A9).

Já os três comandantes das Forças Armadas estiveram presentes. O ministro da Defesa, José Múcio Monteiro, frisou que eles foram à cerimônia “porque, afinal, lutaram pela democracia”. Ele destacou que, apesar das pressões do bolsonarismo, a maioria dos militares é legalista.

O evento “Democracia Inabalada” foi aberto pela ministra da

Cultura, Margareth Menezes, que cantou o Hino Nacional. Pouco antes do início da cerimônia, Lula e Barroso, juntamente com o presidente do Senado, Rodrigo Pacheco (PSD-MG), fizeram uma visita guiada pelas obras restauradas após a destruição.

Em nome do Fórum Nacional dos Governadores, a primeira a discursar foi a governadora do Rio Grande do Norte, Fátima Bezerra. Petista, ela classificou o 8 de janeiro como “uma das páginas mais infelizes da história” e defendeu que os extremistas não sejam anistiados.

Depois, o procurador-geral da República, Paulo Gonet, disse que quem pratica atos antidemocráticos precisa sofrer as consequências

A impunidade, e o esquecimento não representam paz e união”  
**A. de Moraes**

penais e que cabe ao Ministério Público “propor os castigos merecidos” aos envolvidos. “A solidez da democracia exige zelo, cuidado e reafirmação. É preciso estar vigilante a impetuosos autoritários.”

Moraes o sucedeu na tribuna e, em seu discurso, focou na necessidade de regulamentação das plataformas digitais, além de também defender punição aos golpistas. “Todos os que pactuaram covardemente com a quebra da democracia e com a tentativa de instauração de um estado de exceção serão devidamente investigados. A impunidade, o apatamento e o esquecimento não representam paz e união.”

Barroso reiterou a fala que já havia feito anteriormente no STF. Segundo ele, “não há mais espaço na democracia brasileira para quebras institucionais”. O presidente da Corte disse que o atentado foi “meticulosamente preparado”, diante dos anos de ataques às instituições que precederam o episódio. “Precisamos de um choque de civildade no país. Ódio e golpismo nunca mais.”

Pacheco disse que o evento não tinha caráter político, mas de “reafirmação da opção democrática feita pelo povo brasileiro”, em nome “da maturidade e da solidez das instituições”. Para o senador, os vândalos “recorreram à desordem para simular uma força que não possuem”.

“Os inimigos da democracia disseminam ódio para enganar e recrutar uma parcela da sociedade, usam um falso discurso político para ascender ao poder, para nele se manter de maneira ilegítima e para dissimular suas reais intenções”, disse. “Estamos aqui para assegurar que a Constituição foi e continuará sendo cumprida. Ela não é letra morta.”

Ao encerrar a solenidade, Lula disse que, se as forças de segurança não tivessem atuado para impedir o golpe, “a vontade soberana do povo brasileiro expressa nas urnas teria sido roubada, e a democracia teria sido destruída”. Para o presidente, a esta altura, “o Brasil estaria mergulhado no caos econômico e social”.

“O combate à fome e à desigualdade teria voltado à estaca zero. O Brasil estaria novamente isolado do mundo e a Amazônia, em pouco tempo, estaria reduzida a cinzas para a boiada e o garimpo ilegal passarem. Nós salvamos a democracia, mas ela nunca está pronta. É imperfeita porque somos humanos, mas temos o dever de unir esforços para aperfeiçoá-la” (**Luís Martins, Guilherme Pimenta, Isadora Peron, Marcelo Ribeiro, Rafael Bitencourt, Julia Lindner, Caetano Tonet, Renan Truffi, Fabio Murakawa e Gabriela Pereira**)

“Recorreram à desordem para simular a força que não possuem”  
**Rodrigo Pacheco**

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Valor Econômico - São Paulo/SP

Seção: Política Caderno: A Pagina: 8